

2ª PARTE

Estudios

Sintaxe do desejo

*Clauder Arcanjo*⁴

O poeta cearense Dimas Macedo lança mais um livro: *Sintaxe do Desejo* (Fortaleza, Edições Poetaria, 2006), seleção de poemas, lavras de sua produção entre 1978 e 2003.

“Longe daqui do tumulto,/ lá no meio das coisas,/ prostrada para o universo,/ posto que existe,/ Lavras é a cidade mais bela do mundo,/ pois em cada rua/ nasce uma saudade/ que termina em meu corpo” - canta esse filho de Lavras da Mangabeira.

Poeta múltiplo: ora lírico, ora extremamente telúrico, ora elegíaco, ora filosófico, metafísico, diria melhor. “Minha poesia se multiplicava/ num canto de urgência/ e ninguém sabia/ das aventuras que eu perseguia...” - anuncia Dimas, em “Infância”.

“Dimas Macedo se revela um poeta plural, plural no terreno pantanoso do desejo, mas unitário e uniforme dentro da concepção estilística e das exigências técnicas e formais. Dimas Macedo é um poeta da palavra, mas da palavra de índole discursiva e de pesquisa metafórica, infenso, portanto, aos chamados lúdicos e metalúdicos de certas tendências experimentais em que tanto se comprazem alguns poetas contemporâneos.” - adverte, na apresentação da obra, o poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho.

“Somos o duplo talvez/ de algum castelo/ misterioso/ daquilo que há em nós”. Encastelado em um lirismo sem licenciosidades nem grandes experimentalismos formais, o vate alça voo sobre terreno comum a todos os homens: a terra natal, o erotismo, o eterno devir, a busca de sentido nas pequenas coisas da vida, Deus e, finalmente, o exercício da palavra, na arte da palavra poética. “Para isto a vida:/ o sopro dos contrários./ O fogo dos presságios/ queimando as nossas mãos.”

E o leitor vê-se preso entre a estrutura do desejo, preso nas grades das nuances de um erotismo bem construído (“A solidão do poema é

⁴ Contista e jornalista

a minha amada/ que me ensanguenta os pés de beijo e açoitete./ (...)/ e no delírio saúdo o improviso/ de todos os meus queridos fantasmas da infância.”), e arquitetado, em regra, em metáforas ricas, nunca descambando para o desmesurado apelo carnal. Este, sim, quase sempre, fero, tosco e banal.

Em meio a tantos achados, o poema “Elegia” me encantou sobremaneira : “Lembro o meu pai/ apascentando estrelas/ e solidões/ em tardes duradouras/ e a minha mãe/ na sombra do alpendre/ de olhos no algeroz.// Lembro o meu pai/ taciturno/ em horas de agonia/ e a minha mãe/ tecendo alegorias/ ao seu rebanho/ de dores e aflições.// Lembro o meu pai/ e a minha mãe/ em inventários/ elaborando/ o seu rosário de preocupações.”

A vida declarada no ofício artístico, visto que: “O mito de toda a existência é sempre a arte”. O autor celebrava-a em arpejos sofridos, “Lavragem”, ao mesmo tempo que em belos tercetos: “A vida pela vida é o escárnio/ posto que a metafísica/ é sempre a liturgia do dilúvio.”

Quando nos defrontamos com os vestígios da metapoesia, Dimas dela se vale para não se entregar totalmente aos augúrios da rotina-prosa. “Para não me morrer de tédio/ mergulho-me palavras.” Como uma espécie de anjo a apostar que sempre amanhã será um novo dia. “Ou um sopro de palavras/ perdidas. Ou o nada”. “Que desça sobre mim a noite/ e em mim habite o vento/ renovando as pedras da linguagem” - clama Macedo, no início do poema “Clareza”.

A indesejada das gentes surge de quando em vez, “posto que o sol e o sal/ assim crestados/ se multiplicam na solidão presente”, quase nunca de forma dura, mas caroável. “Com as lições da dor eu teço/ uma canção ao vento/ e reinvento a vida./ A morte é um vendaval e em tudo/ o cosmos é uma interrogação.”

Ao se expor de um jeito tão limpo e sem truques impróprios, Dimas desvela um laborar poético mágico e de fácil identificação/revelação para o leitor comum. Isto não torna sua poesia menor, muito pelo contrário, dignifica-a ao percebermos o seu batismo na simplicidade encantadora. “Sou a ternura que se enclausurou/ na angústia das pe-

dras.// (...)// Quero trafegar/ na magia negra do mundo/ e me purificar/
na leveza da vida não passada a limpo.”

Há, em *Sintaxe do Desejo*, versos de um apelo indescritível. Frente a eles, só resta ao leitor parar, lendo e relendo-os, como a querer sorver-lhe a essência, o néctar, o mel da tessitura singular: “O paletó no armário/ e a ressaca da nuvem nos meus olhos.”; “Punhos, punhos de Deus/ cravados nos meus ombros.”

Todo verdadeiro poeta é sabedor de que: “O sal do tempo se renova e passa,/ assim as escrituras todas passarão,/ deixando sobre a terra a crença na expressão/ e sob os raios do sol a arte da palavra.”. Como Dimas Macedo o fez, transformando em Lavras a sua *Sintaxe do Desejo*.